



GÊNERO

MILITÂNCIA POLÍTICA E GÊNERO NA DITADURA BRASILEIRA: ENTREVISTA COM JESSIE JANE VIEIRA DE SOUSA

João Bôsko Hora Góis

Universidade Federal Fluminense

E-mail: jbhg@uol.com.br

Samantha Viz Quadrat

Universidade Federal Fluminense

E-mail: samantha.quadrat@gmail.com

Apresentação: Jessie Jane Vieira de Sousa é professora de História da América do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi diretora do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro entre 1999 e 2002. Durante a ditadura militar, foi militante do grupo revolucionário Aliança Libertadora Nacional (ALN). Presa em 1ª de julho de 1970, Jessie ficou nove anos detida, tendo passado pelo CISA, DOI-Codi até chegar ao Talavera Bruce.

Gostaríamos de começar esta entrevista conversando a respeito da questão da mulher na luta armada e na prisão. Como as coisas eram colocadas para vocês, mulheres, dentro das organizações?

Essa não era uma questão que se colocava naquele contexto e nem naquele tempo. É uma questão que se coloca já mais para o final dos 1970 e início dos 1980. No meu caso, especificamente, tive uma formação que veio da tradição comunista. Então, esse não era um problema colocado. É óbvio que se você vê isso retrospectivamente, pode até dizer: "Ah não, porque era assim...", mas naquela época isso não se colocava dessa forma e eu sempre gosto de dizer as coisas como eram naquela época, porque senão fica um pouco anacrônico. Particularmente, sempre digo que sou filha da Terceira Internacional. É uma coisa que marcou a minha formação e marca a minha personalidade. Eu não sou filha de 68. O meu pai era comunista. Eu vim dessa história do Partidão. Nesse contexto, inclusive, essa questão não era absolutamente colocada, essa coisa de gênero, nem se falava disso. As contradições eram as contradições do capitalismo, que se resolveriam na revolução socialista. O resto era tudo um discurso pequeno-burguês. Para nós na prisão, isso não se colocava dessa forma. No entanto, é óbvio que éramos vistas pelo aparelho repressivo evidentemente por esse olhar. Até porque esse era um espaço absolutamente dominado ou nunca antes habitado por mulheres. Se você for ver a tradição da luta política brasileira, existem mulheres em 1935, algumas mulheres que estiveram presas e tal, mas são poucas. A entrada das mulheres no debate, no embate político, basicamente na questão da luta armada, é uma coisa daquele período.

Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008 **23**



**Dentro das organizações armadas existiam tarefas específicas para homens e mulheres?**

Eu não sei se havia. Eu acho que não. A minha organização era a ALN, muito diferente do pessoal da Dissidência Guanabara, por exemplo. A ALN era um racha que veio do Partido Comunista com uma tradição do Partidão. O que é muito diferente. Contava com figuras mais velhas muito fortes, que era o caso do Marighella e do Câmara Ferreira. Mesmo o pessoal do Grupamento Comunista, que foi o grupo que rachou com o Partidão e montou a ALN, tinha pessoas mais velhas. É muito provável que para esse pessoal mais velho, que é o pessoal da geração do meu pai, tivesse um tipo, não diria preconceito, mas um olhar diferenciado. Mas entre os jovens não havia. Tanto é que você tem mulheres exercendo diferentes papéis dentro da luta armada.

Algumas dessas mulheres colocam que, de fato, elas conseguiam ascender dentro da hierarquia das organizações, mas que isso se dava de forma diferente do processo de ascensão dos homens. Para essas mulheres era muito mais difícil e mesmo assim elas só conseguiam chegar até um determinado grau do poder hierárquico e paralelamente deveriam continuar exercendo algumas atividades consideradas menores. Na sua experiência você viu esse processo ou não?

Eu não vi. Eu acho que temos que refletir sobre o que era ascender na organização. Uma coisa é você ter um partido político estruturado como hoje onde você tem uma carreira. Naquelas circunstâncias, você não tinha uma carreira política, essa coisa da ascensão. Pelo menos no que eu vivi, isso não se colocava dessa forma. Até porque as coisas eram muito efêmeras, as pessoas estavam vivas hoje e amanhã elas não estavam mais. Não é que eu discorde. Eu não vivi dessa forma e acho que tem um pouco a tendência de uma coisa anacrônica, de como isso é visto hoje. Por exemplo, você tem hoje a coisa memorialista, algo muito simples. Quem é que escreve sobre o período? Os homens! Tem alguns livros de mulheres escritos por outras pessoas, não por elas, então tem uma certa ascendência, na questão da memória, das memórias masculinas ou escritas pelos homens. Mas naquele contexto, eu não sentia dessa forma. No caso da prisão especificamente, por exemplo, no DOI-Codi, a sua situação de mulher era uma situação que te fragilizava. Até porque é um ambiente onde a violência sexual era muito presente. Exercida não só sobre as mulheres, mas também sobre os homens. Agora, é evidente que, digamos assim, com muito mais requintes de maldade com as mulheres. E naquele ambiente ser mulher te deixa muito fragilizada. Até porque, para aqueles homens, uma mulher naquelas circunstâncias era inadmissível.

Por que você acha que as mulheres escrevem muito pouco sobre isso?

Eu acho que esse é um traço que nos difere. Eu até tenho conversado muito com algumas companheiras sobre isso. Estava querendo fazer um livro com elas. Por que





João Bôsko Hora Góis e Samantha Viz Quadrat

GENERO

nós não escrevemos sobre isso? Tem um monte de coisas. Existem impedimentos de ordem emocional. Talvez para as mulheres nessa vivência a coisa da condição feminina pese. Eu percebo que, para as mulheres, tem um peso muito grande, muitas delas não gostam de falar da questão. Ficaram muito marcadas por isso. Existe também uma inibição de ordem intelectual, pouca reflexão sobre o vivido. A socialização da mulher nesse campo foi mais difícil. E o fato de sermos um número menor também. Então é sempre muito complicado. Veja bem, estou sempre falando de um universo diferente. Eu acho que no mundo dessas memórias tem histórias diferentes. A história do presídio é diferente. Dos presídios são diferentes. O pessoal que foi para o exílio tem uma história completamente diferente. Os exílios têm idades diferentes. Não se tem uma única memória sobre o tema, nem duas, nem três, são muitas. Mulheres que estiveram presas e foram soltas, é uma história. Mulheres que ficaram muito tempo presas, é outra história. Mas, de qualquer forma, todas elas têm um problema sério em relação a isso. Então, eu estou tentando fazer com que algumas pessoas escrevam, e elas não conseguem escrever. É muito difícil. E tem essa coisa mesmo da presença da mulher no mundo cultural e uma série de outros aspectos que tem a ver com gênero. Mas naquelas circunstâncias de vida da militância, eu acho que talvez existisse, mas não vivi isso. Eram coisas muito efêmeras, são períodos de tempo muito breves. Na vivência no DOI-Codi, aí sim tem o problema da condição feminina muito marcada, e depois no presídio tem a questão de como é o que os guardas olhavam as mulheres, e mais que isso, como é que as visitas olhavam as mulheres.

Colocando essa discussão, digamos, numa perspectiva internacional, você acha que existiam diferenças fundamentais entre mulheres envolvidas nas organizações brasileiras e em outros países da América Latina?

Olha, pelo que eu conheço, que não é tanto assim, acho que não. Talvez a diferença que exista é de origem dessas organizações. Algumas das organizações desse tronco mais trotskista, que não vieram da coisa do Partido Comunista, talvez essa questão fosse olhada ou vivida de forma diferente. Mas nessa tradição mais do Partidão eu tenho impressão que não. Agora eu acho que isso tudo é uma coisa da aldeia global desse período. Se você olhar essas experiências das esquerdas da América Latina são mais ou menos as mesmas, até o período, o recorte temporal é mais ou menos o mesmo. A cultura política estabelecida não é muito diferente. É claro que você tem situações muito mais dramáticas. Por exemplo, eu acho isso da Argentina, ao menos falando do Processo de Reorganização Nacional, a última ditadura naquele país. Aí a situação é muito mais dramática. Nós vivemos essa dramaticidade em menor escala, digamos assim. Não é que a qualidade seja diferente, talvez a quantidade seja diferente. Mas eu tenho a impressão que é mais ou menos a mesma vivência. Pode haver diferença em vivências no exílio ou vivências no presídio. Talvez dessa vivência de presídio a experiência uruguaia seja mais dramática. Quando eu estou usando



presídio, eu não estou falando de campo de concentração, que é o caso argentino. Aí, sim, você tem relatos de violência contra mulher muito, muito grave! A questão da apropriação dos filhos, por exemplo. E tem essa coisa da Igreja na Argentina que é um diferencial da violência contra a mulher. Os seqüestros das crianças, que também teve no Uruguai, mas em menor escala, são terríveis. No caso nosso, nós não vivemos isso nessa intensidade. Tem assim histórias de filhos torturados com mães, mas assim, seqüestros de filhos, a gente não tem. Mas vamos pela sua pergunta mais especificamente. Eu acho que não! Eu acho que talvez você tenha nesse universo latino-americano vivências diferentes, mas que essas diferenças são comuns. No caso da Argentina, imagina o que é uma sociedade daquele tamanho viver aquilo, aquela coisa dramática! Imagina como foi aquilo! O que é hoje! No Chile, por exemplo, meu pai e meu irmão estiveram no Estádio Nacional. Meu pai ficou preso por quase três meses. Eu até vou perguntar para o meu irmão se tinha mulheres no Estádio Nacional. Eu não me lembro do meu pai se referir a isso. Não sei! Foi uma situação muito extrema de violência. Evidente que você tem um olhar do sistema sobre a mulher que é de uma violência que tenha talvez a mesma intensidade do estranhamento. Porque, veja bem, numa sociedade como a nossa, construída no mito de cordata, de uma sociedade pacífica, de repente você vê mulheres naquela circunstância é um negócio fora do padrão. Para eles, nós éramos as putas! Mulheres de aparelho! E uma idéia também de que todo comunista é promíscuo. Que é a coisa da visão bem católica, bem do anticomunismo! Os comunistas eram extremamente conservadores! A família comunista é a família mais conservadora que existe! Então, tinha esse estereótipo de que comunista não tem família, de que a mulher do comunista é a mulher de todo mundo, essas coisas. Esses caras foram criados nesta cultura. Aí tem aquela menina, muito jovem, que o marido era preso ou que era namorada de outro que também foi preso, toda aquela vivência desse período... Imagina o que era isso! Eu fico imaginado a cabeça desses caras. Como é que era viver isso do ponto de vista deles! Se do ponto de vista das famílias, não da minha família, mas das famílias das pessoas com as quais eu convivi no presídio era difícil, imagina para esses caras. Minha mãe, por exemplo, que era uma mulher militante, tinha muito medo, ela dizia: "Você não vai virar menina de aparelho." Minha mãe cansou de falar isso. Talvez o pessoal problematize esse período com o olhar de hoje.

E o seu pai, o que ele achava?

O meu pai era um velho comunista, e os comunistas são machistas. Lá em casa, por exemplo, o meu pai não permitia carnaval, tinha aquele negócio de casar virgem, todos esses valores muito rígidos. Mas isso não era um problema nessa época. Minha mãe também era do Partidão, mas era uma pessoa muito forte, tinha uma presença muito forte. Agora, é óbvio que a política é feita pelos homens. É um mundo muito masculino. Isso era e continua sendo. E em geral as mulheres que entram, elas terminam adotando valores masculinos. Elas terminam lidando num universo muito





João Bôsko Hora Góis e Samantha Viz Quadrat

GENERO

masculino, de valores e de posturas muito masculinas. E é evidente que no contexto e na conjuntura da luta armada, aquele era um mundo muito masculino. Não tinha nenhuma dúvida.

Para o seu pai, você entrar para a luta armada não foi um problema?

Olha, deve ter sido como pai. Imagino que deve ter sido. Mas para o meu pai isso era uma coisa absolutamente natural. Se eu tivesse virado de direita, o meu pai teria sofrido muito mais. Não havia espaço na minha casa para outro tipo de coisa. Óbvio, alguma coisa ia me acontecer. Não havia possibilidade de ser diferente. Veja bem, a minha opção nunca foi uma opção intelectual! Eu acho que as companheiras presas tinham uma opção intelectual, o que não era o meu caso. Então, era normal. Não foi pela via da leitura de nenhum autor que eu estava ali. Isso teve um lado para mim muito bom... Que me permitiu sobreviver melhor. Eu acho que talvez para alguns dos meus companheiros isso tenha sido um problema. Porque quando você se vê em uma determinada situação só por uma coisa intelectual é muito difícil! Quando esse mundo intelectual rui... Eu acho que isso faz diferença, para muitas pessoas fez diferença. Pra mim não teve isso! Eu não vivi dessa forma! No final, foi boa a maneira como eu vivi! No balanço dessas coisas, eu acho que tinha mais estrutura para enfrentar aquilo do que muita gente que estava ali tinha. Mas por conta disso, não era por causa de intelectual ou por ter lido Marx ou não. Nada disso! Eu tinha muito claro, definido, quem era amigo e quem era inimigo. Isso me ajudou muito. E nesse momento de luta é importante você saber qual é o seu lado na história. Porque, se você não sabe, se ferra!

Então, de certa maneira, você já sabia o que a esperava nas prisões?

Eu vivi com o pessoal de 1935. Na minha casa, sempre se falou de tortura na mesa do jantar. Os velhos que eu conhecia eram todos marcados de maçarico. Veja bem, essa coisa dos direitos humanos, como ela está colocada hoje, não se dava naquela época. Isso é uma pauta política muito recente. Não foi a pauta do meu pai, não foi a pauta da minha juventude. Não foi. Isso é mentira. Aí é a coisa da violência do sistema. Então vivi muito essa coisa... Da tortura. De acompanhar pessoas que foram presas. Lá em casa, se falava muito disso. Não é que eu tenha vivido isso tranqüila. Mas sabe, eu distingi muito esse troço. Não ter um pouco de vitimização nessa vivência. Mas eu acho que tem muito dessa coisa, que é uma coisa dessa classe média. É uma violência que é muito cultural, mas que se abateu sobre nós, mas ela sempre esteve presente. Sempre se abateu sobre os pobres no Brasil, não é uma coisa só nossa. E eu acho que esse pessoal viveu muito isso de uma forma muito vitimizadora.

E dentro daquele contexto, além da luta armada, da própria transformação nos anos 1960, 1970, da liberação sexual...

Eu não vivi isso. Eu vim de uma família com a coisa do Partidão muito conservadora, e sempre fui uma pessoa muito conservadora. Aliás, eu sou uma pessoa muito con-





servadora. Então eu fui criada nesse ambiente. Essa experiência da revolução sexual, eu não vivi. Até porque, quando eu tinha 20 anos, eu fui presa e saí com 30. Naquele ambiente da cadeia, não tinha como viver isso. Os nossos valores eram absolutamente conservadores, e eles tinham que ser naquele ambiente, porque havia sobre nós um olhar muito moral. Imagina se alguém pega uma presa política fumando maconha e lésbica? Estavam desmoralizados. Isso era impensável. Naquele circunstância, isso se abateria contra nós. É diferente do exílio. Naquele tempo, eu duvido que o Herbert Daniel ia dizer lá na DPE que ele era homossexual. Não falava mesmo. Ele só vai dizer isso no exílio. Aí tudo bem, tudo é permitido. Mas dentro da cadeia, não.

Quando você e o Colombo foram presos já estavam juntos?

Sim, já namorávamos. Nos casamos em 1971. Então, eu não vivi essa coisa da liberação sexual. É claro que vivi no ambiente, mas eu não vivi pessoalmente.

E no ambiente dessa liberação, você via algum patrulhamento?

Eu acho que era tudo tão efêmero. Por exemplo, uma pessoa estava com a outra, e essa outra pessoa era presa, no dia seguinte a pessoa estava com outra. Era um negócio de viver o dia-a-dia. Até porque, quando se é jovem, essa noção de futuro é uma coisa muito... Naquele circunstância, era muito mais, os casais não se constituíam de fato. As pessoas eram presas, e os laços se rompiam ali.

Então você é uma exceção?

Nós somos uma exceção por uma circunstância muito específica: fomos presos no mesmo dia e soltos no mesmo dia. Se fosse diferente, não teríamos ficado juntos. É óbvio que nós investimos nisso, mas, na verdade, foi circunstancial. Isso nos ajudou a construir um projeto de vida juntos. E o fato de eu ser uma pessoa conservadora também. Mas tem poucos casais que sobreviveram a isso. Nós vivemos uma história muito específica, não é uma coisa muito generalizante. Muitas pessoas saíram antes, por exemplo, tem gente que saiu no começo de 70, viveram períodos fora da cadeia na ditadura. Nós tivemos um azar e ao mesmo tempo um privilégio de viver nesse período. Nós vivemos nos anos 1970, que é um grande momento, em circunstâncias muito específicas. Nós não somos o melhor exemplo. Esse pessoal da minha geração tem experiências muito diferenciadas e experiências por vezes muito dramáticas. Até vivendo profundamente essas transformações. Por exemplo, muitas das minhas amigas hoje, que viveram muito intensamente essa coisa da liberação, são infelizes. São mulheres muito sozinhas, por vezes muito deprimidas. Cada um viveu aquilo de uma forma. Agora, com certeza, o mundo dos nossos companheiros é um mundo muito machista. Hoje então, que eles estão velhos, a coisa escolhambou. Porque hoje o politicamente correto já passou, eu me assusto com muitos deles.

28 Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008





João Bôsko Hora Góis e Samantha Viz Quadrat

GENERO

Em alguns documentos da ditadura, a mulher aparece como a responsável pelas ações, a pessoa que teria influenciado os demais.

Existem dois pontos. No caso das famílias das pessoas que caíram comigo, evidente que não era porque sou mulher. Porque nós éramos quatro jovens, e eles eram amigos. Eu era o elemento estranho e filha de comunista, então era evidente a história de que “o filho do vizinho desencaminhou meu filho”. Era uma coisa muito familiar, muito normal, não era porque eu era mulher. Agora, na polícia, tem essa coisa do fetiche da mulher como pecadora. É a coisa da Eva. E tem mais um ponto que, para o DOI-Codi, era muito pesado, que eu acho que é uma coisa da história política desse período e que talvez valesse a pena que alguma pessoa refletisse sobre isso, que é a questão de ser mulher e filha de classe média. Afinal de contas, a classe média é a classe dominante, e os guardas pensavam que estavam ali defendendo os interesses dessa classe. “Como é que esses filhos de classe média lutam contra nós?” Era uma questão para eles. Os guardas tinham muito esse problema conosco, não só com as mulheres, mas em geral com os militantes de esquerda. Nós não nos encaixávamos naquele estereótipo que eles tinham do revoltado. Para eles, nós éramos as “putas”. Todas as manhãs, bem cedo, no DOI-Codi, havia a forma, e o coronel Fiúza fazia o discurso contra os terroristas para os jovens que estavam engajados, para os guardas. Nós fomos presos em julho, e eles, os guardas, estavam ali desde maio. E nós éramos as “putas terroristas”. E eles estavam ali pra defender o Estado. Eu me lembro uma madrugada daquela na cela do DOI-Codi, os guardas do DOI estavam fazendo a troca do turno, a céu aberto, e eu, muito menina, cabelo curtinho, com cobertor, quando um garoto falou assim pro outro, olhou pra mim e falou: “Mas é menina?” E o outro: “Fazem isso com moça também?” Ele estava apavorado. E o coronel Fiúza fazia isso toda manhã, e aqueles meninos saíam dali completamente detonados. Imagina o que é um garoto sair do interior de Santa Catarina. Porque era isso, os catarinos, tanto é que depois eles tiraram o DOI-Codi dali e levaram para as casas clandestinas porque estavam tendo problemas. Então, pra esses meninos que vinham do interior, com uma idéia de garota, de mulher – isso é 70, não é 2007 – o que é deparar com uma cena desta. Depois, no tempo em que nós estivemos presas tinha, eu não diria preconceito dos presos... mas nós éramos vistas como “são as meninas”. Nos protegiam e tudo mais, mas muito com esse olhar de “as meninas”.

Você ficou no DOI-Codi quanto tempo?

Fiquei na Aeronáutica, no CISA, por três meses, e um mês no DOI-Codi. Depois fui para o Talavera Bruce, onde fiquei presa por nove anos. O universo feminino ali era terrível. Qual era o problema? Os homens não visitam as mulheres presas. Quem é que visita o preso? As mulheres, namoradas, que são muitas. Mas os homens não visitam. Então você vai na porta de um presídio feminino, você só vai ver as mãezinhas lá. As mulheres são abandonadas. Muitas casadas, e os maridos as abandonam e

Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008 **29**





aos filhos também. Eles não assumem. Eu, até o Talavera Bruce, ainda não tinha me deparado com essas circunstâncias e ali entendi o que era isso. Não de ver a nossa situação, mas a situação das presas comuns, que é uma coisa terrível, porque elas são absolutamente abandonadas. E isso tinha um reflexo também conosco, porque era muito mais interessante ir visitar os garotos do que nos visitar.

As presas políticas e as presas comuns ficavam no mesmo espaço no Talavera? Como era a convivência entre vocês?

Não, não ficávamos. Nós nunca vivemos com elas. No começo dos anos 1970, havia uma separação muito rígida. Depois, ao longo dos anos, nós fomos tendo mais contato, mas nunca vivemos juntas.

E o tratamento era diferenciado entre vocês?

Ah, muito diferente! Nós vivíamos num pavilhão separado do delas com muitos privilégios que elas não tinham. Elas usavam uniformes e nós não, porque fizemos greve pra não usar, vivíamos com as portas abertas... Eu estou falando de muitos anos, de uma década que a cada governo mudava a conjuntura. No governo Médici era de uma forma, no Geisel era de outra. Mas, ao longo dos anos, nós fomos conquistando direitos, como assistir televisão, ouvir rádio, ler jornal, receber visitas, coisas desse tipo. Lutávamos muito. No final, nós tínhamos um pavilhão nosso, com as celas abertas, recebíamos visitas no pavilhão. As presas comuns tinham o regulamento do sistema penitenciário. A situação dos presídios piorou muito. O Talavera Bruce que eu conheci é muito diferente do de hoje. As condições materiais se deterioraram muito. Tínhamos celas individuais naquela época. Nós vivíamos em harmonia. Nunca tivemos problema nenhum. Elas nos chamavam de subversivas, e isso era um *status*. Elas não nos entendiam muito bem.

Durante a prisão, vocês fizeram algumas manifestações, como greves de fome, qual eram os objetivos, as demandas nessas ocasiões?

Sempre políticos. Nós fizemos duas grandes greves. Uma foi para sair de Bangu, porque o sistema fez um presídio político para os meninos, mas nos deixaram em Bangu. Era um exílio muito grande, porque é muito difícil as pessoas irem lá. E nós queríamos estar perto deles, achávamos que tínhamos direito a ocupar o mesmo espaço. Não era evidentemente fazer uma cadeia mista, não era isso. Se bem que não tinha problema nenhum, mas não chegaríamos a tanto. Todos os movimentos que existiam naquele período nós participamos em solidariedade. Havia diferença do universo prisional masculino para o feminino, muitas contradições que eles viviam, nós não vivíamos. Por exemplo, esse negócio de se organizar na cadeia por organização, nós não tínhamos isso em Bangu. Não havia contradição entre você e eu porque éramos de organizações diferentes, e eles tinham muito isso. Nós não tivemos essa





João Bôsco Hora Góis e Samantha Viz Quadrat

GENERO

experiência. Essas contradições terminavam na hora que chegávamos ali. Nós éramos um coletivo. Claro que nem todo mundo amava todo mundo, não era isso, mas havia uma certa harmonia. Eu acho que isso é um mundo feminino.

Como era o acesso à literatura dentro da prisão?

Nós tínhamos. Porque, veja bem, eu estou falando praticamente da ditadura inteira. No começo, a gente não tinha não. Depois a gente foi fazendo uma biblioteca. Eu me lembro que nós tínhamos Lênin em francês. Os clássicos todos chegavam em capítulos, em pedacinhos. Depois o Gasparian, da Paz e Terra, doou pra gente uma biblioteca enorme. Mas isso já lá por volta de 1976. E nisso tudo tem uma coisa que hoje me preocupa. Para nós, presos políticos naquela época, não havia uma literatura brasileira sobre o tema. A experiência de ser preso político é uma experiência de 1935, como uma coisa massiva. E não tinha literatura sobre isso. Porque o partidão não deixou essa literatura e não deixou por essa visão que o meu pai tinha de que o sistema era assim mesmo e que ideologia tem que ser segurada ali, na marra. Luta de classe é luta de classe. Então, o negócio de tortura não faz parte da luta, é claro, mas a denúncia da tortura enfraquece a luta porque a tortura amedronta. Então, na medida em que você comunica e socializa isso, você enfraquece. É um pouco essa lógica. Nunca me foi dito dessa forma, mas eu compreendo que fosse assim. E isso faz parte da luta política. Isto hoje é visto muito diferente. Mas naquele contexto dos anos 1930, anos 1940 era muito diferente. Meu pai tinha muito essa concepção. Meu pai dizia: "Entrou na chuva é pra se molhar! A barra é pesada." Eu acompanhava o Vietnã, Argélia, e todas as lutas de libertação, todas. Então como é que se organizam os coletivos com presos políticos? Como é que nós entendíamos a nossa vivência? Como uma trincheira de resistência. E era. Os presos políticos tinham um papel importante. E a gente entendia assim: Nós somos prisioneiros de guerra e temos que reagir e nos organizar para enfrentar. E como que se faz isso? Não tinha literatura brasileira sobre isso. Tinha aquela porcaria de *Os subterrâneos da liberdade*, do Jorge Amado, mas aquilo é ridículo. Então, nós fomos buscar aonde? Nós fomos buscar nos argelinos e na literatura internacional, mesmo sobre campos de concentração. E isso me preocupa muito, não ter literatura sobre isso, porque eu não sei o que vai acontecer no futuro. Talvez uma geração qualquer não vá receber da minha geração uma experiência escrita do que foi aquilo. Porque o que se escreve muito são memórias individuais, em geral, personalistas. Também não tenho nada contra. Mas o que eu queria que escrevêssemos sobre o Talavera é um pouco dessa vivência, o que é você viver o cotidiano de um presídio. Isso ajuda as pessoas. E, é claro, as dificuldades que foram. Não é pouca coisa você montar uma organização num lugar onde você está derrotado, tem pessoas com seqüelas. Isso foi uma preocupação nossa e eu acho que nós deveríamos escrever mais sobre essa experiência. Contar como isso aconteceu. Deixar para as gerações futuras. Não só para gerações brasileiras, pois espero que elas nem as utilizem um dia. Mas tem sempre em algum

Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008 **31**





lugar acontecendo alguma coisa. Eu sempre digo isso porque a barbárie é um dado em que as coisas não estão dadas. Tudo é possível. Eu não acho que as coisas sejam para sempre. Tomara que sejam... Mas eu não acredito muito nessas democracias de países de periferia do capitalismo. E os homens não são bons por natureza.

Além dessa falta de relatos sobre experiências anteriores, quais foram as maiores dificuldades no presídio?

Sabe qual foi o meu grande problema no presídio? Foi o de reconhecimento de pares. Eu tive uma grande crise cultural. Uma enorme crise cultural. Eu passei um ano isolada. Sozinha! Depois eu fui para o coletivo e eu não reconheci as pessoas, porque elas vinham de uma outra tradição, estranha à minha. E eu não decodificava o que elas diziam. Foi horrível. Eu saí do DOI-Codi em outubro e depois só fui entrar no coletivo um ano depois. Não tive visita. Não tinha ninguém. Então, quando fui para o coletivo, eu não conseguia me reconhecer. Eu fiquei completamente desestruturada. Porque, como eu já disse, sou filha da Terceira Internacional. Isso não é discurso. Quem eram os meus tios? Eram os caras da Intentona. E eu vou pra um coletivo onde a maioria das pessoas é anticomunista! E eu não me reconhecia. Eu era uma menina que não tinha vivido o movimento estudantil. Então, eu não partilhava dessas memórias de 1968. Eu não tinha vivido a revolução sexual, então, tinha poucas histórias para contar. Eu morava no subúrbio, na zona leste de São Paulo. Eu não conhecia ninguém ali. Eu vim ao Rio para ser presa. As meninas que ali estavam eram quase todas universitárias, tinham feito uma universidade e com discursos como "Prestes é o traidor da classe operária". Eu me arrepiava. Meu pai não era prestista, mas eu me reconhecia, essa era a minha origem. Eu me reconhecia como parte disso! Foi horrível. Eu passei um ano sem compreender o que elas falavam. Eu não compreendia mesmo. Havia uma interdição cultural. A minha ignorância foi a tal ponto que um dia... Bom, o meu mundo era o mundo da Revolução, dos comunistas, de quem estava preso, de quem não estava preso. Enfim, um dia elas estavam falando do Décio Pignatari, e eu não sabia quem era. Até que perguntei: "Esse cara está preso aonde?" Aí, foi um deboche generalizado. Outra coisa, o negócio de pegar jacaré! Tinha uma menina presa comigo, a Ângela Seixas, que junto comigo era a mais nova, muito novinhas. E Ângela pegava jacaré. E eu achava normal a Ângela pegar jacaré. Aí a Biga, outra menina, disse: "Eu também pego jacaré." Aí eu na hora falei: "Você não, que pega jacaré! Não pega jacaré mesmo!" Entendeu? Eu não sabia o que era pegar jacaré. Então, foi um estranhamento enorme. O que aconteceu? Eu comecei a ler. Elas começavam a me falar, e eu comecei a ler as coisas que elas me diziam. Aí comecei a desmistificar. Fui começando a ver que lá dentro não tinha cultura política coisa nenhuma. Que na verdade era tudo muito superficial. Eu fui me adonando, fui me aculturando. Mas eu era um ser absolutamente estranho. Porque os meus valores eram completamente diferentes. Eu estranhava muito determinadas conversas. Eu achava incrível aquelas pessoas falarem das ruas de Paris e não conhecerem o Brasil. Eu achava aquilo inacreditável. Outra coisa que me chocava era que os pais eram muito reacionários. Meu pai tinha sido banido. Eu vivi nesse ambiente, eu tinha crescido naquele negócio... O

32 Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008





João Bôsco Hora Góis e Samantha Viz Quadrat

GENERO

meu mundo era muito preto-e-branco. Ou era comunista ou anticomunista. E os pais de algumas daquelas meninas eram testa-de-ferro de empresas. Eu achava incrível elas receberem as visitas desses caras reacionários. Sabe, na minha visão, eu achava aquilo o cúmulo da capitulação ideológica. Eu sofri muito! O meu principal problema na cadeia foi esse. Nenhum outro problema me fez sofrer tanto. Esse foi com o que eu mais sofri... Até eu me adonar das informações e traduzi-las para o meu universo demorou muito. Era completamente estranho, eu não sabia o que era aquilo. Eu nunca tinha convivido com aquelas pessoas. Eu nunca tinha vivido o tipo de valores de uma família pequeno-burguesa. Eu sofri muito com isso. É um horror você estar num lugar onde é uma coisa muito romântica dizer que nós somos companheiros, e você não se reconhecer no outro como uma pessoa que tem o mesmo universo que você. Aí você diz: "O que eu estou fazendo aqui com essas pessoas? O que me une a essas pessoas? Nada!" Eu era menina de família pobre, comunista. Na prisão, eu tive problemas de identidade. Uma crise de identidade muito grande. Muito doloroso. Para você ter idéia, foi tão grave que, um mês depois que eu estava no coletivo, eu queria que acontecesse alguma coisa para eu voltar para o isolamento. Eu pensava: "Tudo o que eu quero é voltar para o meu casulo lá da cela, porque eu não tenho nada a ver com essas pessoas." Para mim, o DOI-codi é um episódio muito sério, muito forte. Mas ele não é o maior episódio desse período que eu vivi. Ele é barra-pesada, não é qualquer coisa, mas eu acho que estava dentro do contexto. Não foi a coisa que mais marcou a minha vida nesse período. A coisa mais difícil pra mim foi essa coisa do estranhamento cultural. Foi o que mais me deixou muito desestruturada!

Mais do que a separação da Leta, sua filha?

Não. A separação da Leta são coisas de ordem diferente. A separação da Leta foi uma coisa muito dramática, mas é outra coisa. Estou falando dessa coisa de você ficar sem norte. Eu fiquei sem norte. Porque o meu mundo era muito preto-e-branco. Quando eu vi que tinham outras coisas na jogada, e aquela coisa monocromática não cabia, foi muito difícil! Aí, nesse momento, eu tive que fazer a tal da incursão intelectual por aquele mundo. Para perceber aquele negócio.

Nesse momento, você repensou a própria idéia da Revolução, da tomada do governo?

Não, não! Não pensei não. Eu compreendi. Eu fui me aculturando. Fui lendo e compreendendo melhor a diversidade das pessoas. Porque o mundo de onde eu vim não tinha essa diversidade!

Você tinha uma idéia sobre a derrota do projeto político?

Eu só tive a idéia da derrota do projeto político quando o Collor ganhou a eleição. Para falar a verdade, não do projeto político da Revolução, não é isso, mas da possibilidade de mudar o Brasil. Foi um sofrimento político. A vitória do Collor, para mim, foi a vitória do golpe de 1964, com tudo que tinha de terrível. Agora, é evidente

Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008 **33**





que a derrota da nossa da luta armada foi antes. Quando eu cheguei no DOI, que eu vi o aparato, pensei: “Pô, tô fudida!” Mas da gente ter entrado num processo sem volta foi a vitória do Collor. Ali, realmente, foi muito pesado. Ver o Brasil entrar nessa maluquice que entrou... Ali foi muito triste. Eu acho que todo mundo viveu isso. Mas a coisa da luta armada não. O meu pai, que foi um cara da luta armada, dizia o seguinte: “Nós vamos perder essa guerra, mas o Brasil precisa viver isso!” Ele dizia isso. Ele tinha visão. Ele sabia disso. Eu ouvia isso e ficava puta. Evidente, que eu não tinha a mesma visão, é claro. Depois que eu vim saber. Ele falava: “Nós vamos morrer, todo mundo.” Meu pai achava que você não muda a sociedade sem uma revolução. Eu também acho que muito dificilmente você vai tomar de quem tem para dar pra quem não tem pela via do carinho. Naqueles anos, não era a consciência da derrota, mas do cerco. Não havia, na verdade, dentro do presídio, esse sentimento de derrota.

Mesmo na prisão?

Não! No cotidiano, não! É óbvio que a gente sabia que havíamos sido derrotados ao menos naquela conjuntura. Mas que o projeto político, não da ALN, o nosso, mas que o projeto político da Revolução, de mudar, era um projeto permanente que transcendia a nossa existência ali. Era um projeto histórico. Não havia essa coisa depressiva. Dizer isso, naquele momento, era cair em depressão. Maluquice! Não era o lugar. Isso, então, para mim foi muito difícil esse estranhamento cultural. E este é um problema básico. O reconhecimento como parte de pessoas iguais, que compartilham um universo...

Retomando a sua história com o Colombo. Você ficou no Talavera, e ele ficou onde? Qual era a diferença de tratamento deles para vocês?

O Colombo ficou na Ilha Grande e depois veio para a Frei Caneca. Eles tinham muito mais enfrentamento. E aí você vê como é o olhar do sistema. Para os interventores, nós éramos as meninas, e eles se espantavam muito quando “essas meninas” se rebelavam, fazíamos greve. Aí era um confronto enorme porque muitos desses gestores tinham uma dificuldade enorme de lidar com a gente. Com os meninos era diferente, porque era universo masculino. Na Ilha Grande, eles tinham confronto físico, pancadaria. Eles ficavam com os presos comuns, e isso era um problema, porque o governo dizia que não havia preso político no Brasil. Então o sujeito fazia um assalto a banco e ia parar lá. No começo, os presos políticos eram a maioria, mas depois eles foram virando minoria. Em geral, muitos desses caras eram assassinos. Gente acostumada a matar. Não estávamos lidando com anjinhos. E aquele ambiente foi ficando muito difícil, porque os nossos companheiros não estavam absolutamente preparados para enfrentamentos. Então eles tiveram muitas dificuldades nos confrontos com presos comuns, porque eles logo começaram a montar uma máfia, o que eles chamam de comando vermelho, na verdade era o nome da máfia que eles queriam montar. Aí

34 Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008





João Bôsco Hora Góis e Samantha Viz Quadrat

GENERO

já adquiriram discurso do núcleo proletariado, se politizaram, digamos assim, entre aspas, e começaram a se organizar com muita violência, porque eles se organizaram matando os outros. Minha sogra, uma vez, chegou para visitar o Colombo e tinham sete cadáveres no corredor. As pessoas hoje glamourizam. A Lúcia, minha amiga querida, fez um filme glamourizando isso, mas não tinha nada de *glamour* naquilo. Era barra-pesada. E havia ainda uma estratégia da repressão, imagina se tem uma rebelião lá? Os caras matam o pessoal do nosso lado. Já eram uma minoria. Então os meninos tiveram muita dificuldade, muito enfrentamento, pra garantir a integridade física. O cotidiano deles era muito pesado.

Como vocês fizeram para casar?

Eu não tinha visita, minha família estava toda fora do Brasil, e eles não permitiam que a mãe do Colombo me visitasse. Então nós nos casamos para que eu pudesse ter visita. Casamos no Tribunal de Justiça. Fomos lá, assinamos um papel e voltamos. Ele para a Ilha Grande, e eu para o Talavera.

E como era a convivência de vocês?

Quando o Geisel entrou, foi exatamente na época que eles fizeram a greve para vir para o continente. Na época, eles eram minoria no coletivo. Quando era o Médici, o sistema penitenciário passou para o âmbito da Secretaria de Segurança, e sempre foi tradicionalmente ligado à Secretaria de Justiça. O Médici fez a mudança justamente por nossa causa. Mas, quando entrou o Geisel, o sistema penitenciário voltou a ser da Secretaria de Justiça. Nesse momento, entrou no sistema um sujeito chamado Thompson, ele era um superintendente na época. O Thompson era uma figura da contradição do liberalismo brasileiro. Eu costumo dizer que não tem nada mais conservador no Brasil do que um bom liberal. Thompson era um sujeito bonito, por volta dos 40 anos, charmosíssimo, da Zona Sul, malhado, que joga vôlei na praia, que resolveu ser superintendente do sistema penitenciário. Aí chega lá um dia o Thompson, que tinha como ajudante de obra um sujeito chamado Aloíso, um delegado que era do DOI-Coi. E chegou lá com um discurso de abertura lenta e gradual, "sou liberal" e "eu estou aqui pra atendê-los", e nós tínhamos sempre uma lista de reivindicações. Uma delas era acabar com a censura da correspondência, que era sempre aberta e lida, e visita entre nós, que éramos o único casal preso. Sempre fazíamos isso, mas nunca colou. Aí o Thompson disse: "se o juiz auditor liberar, eu libero." O meu advogado entrou imediatamente na Justiça Militar com o pedido para nos encontrarmos. Nisso, os meninos haviam sido transferidos. O juiz auditor, e só no Brasil tem essas coisas, era um canalha. Quando eu cheguei na auditoria, com 19 dias de prisão, pedi água, e ele disse que não dava água pra terrorista. E era civil, hein? Só que esse sujeito tinha um sobrinho que era da ALN e que foi assassinado em São Paulo. Eu estive muito doente em 1971, e eles não me deixavam tratar. Acabou

Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008 **35**





que a família o pressionou muito através do sobrinho. Quando o sobrinho morreu, ele morre de culpa. E carregou uma culpa em relação a mim enorme. Eu não sabia disso. Aí, quando pedimos as visitas, imediatamente ele liberou o encontro. Nós abrimos um precedente, as presas de hoje têm visitas íntima por causa disso. Hoje elas têm visita íntima até para companheiro, não só pra casamento. Nunca tinha tido na história do sistema. Hoje elas têm até para companheiros, não apenas maridos. Os homens sempre tiveram. Então, o juiz auditor liberou, e eles foram obrigados a acatar a decisão do juiz. A minha filha foi feita no Talavera Bruce!

Quando você conseguiu o direito do Colombo te visitar as outras presas também conseguiram ou era só para vocês?

Não. Somente depois, quando o Brizola entrou e a Julita foi dirigir o sistema, isso foi expandido pra elas. Naquele momento entre as presas políticas não tinha mais ninguém na mesma situação. Depois chegou uma outra companheira que havia sido presa depois de mim e que o marido também estava preso, e ela pôde receber a visita dele. Aí sim, todas as outras pessoas que tinham maridos presos recebiam. Nós éramos muito poucas.

Era o Colombo quem te visitava?

É. Depois entrou o Geisel e aí aquela coisa foi abrindo. No final, ele ficava comigo o fim de semana inteiro. Ia pra lá e ficava lá comigo. Isso foi o chamado processo de abertura. Por isso, quando o pessoal afirma que o Geisel era igual ao Médici, eu logo aviso que não era a mesma coisa. Mas esse negócio, por exemplo, de não poder ter visita era uma coisa incrível! Por que não podia ter visita íntima para as mulheres? Porque não tinha maternidade, sabia? O sistema não tinha maternidade. Todo o sistema é feito para os homens.

Mas você acabou engravidando...

Eu não esperava engravidar porque tinha um diagnóstico de que não podia ter filho por conta do ovário policístico. Mas aconteceu, e o sistema não sabia o que fazer comigo porque não tinha maternidade. Nenhum hospital militar me aceitou. Eu tive filho na Casa de Saúde São Sebastião, que naquela época era uma casa de saúde chique ali na Bento Lisboa. Quem pagou foram os companheiros. E foi um escândalo. Se você pegar os jornais da época, vai ver que foi um escândalo. Você precisa ver o que diziam as mulheres da maternidade... eu saí de lá em 24 horas porque jogaram bomba. Na noite em que eles seqüestraram Dom Hipólito, eles foram lá para o hospital, o mesmo Comando. Quebraram o consultório do médico todo. Foi um horror. Ficaram lá comigo. E as mulheres ficaram furiosas, elas queriam que eu sáísse de lá.

36 Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008





João Bôsco Hora Góis e Samantha Viz Quadrat

GENERO

Como é que você fez a gerência de uma gestação em uma situação tão adversa?

Ah, foi tão bom, sabia? Foi muito bom. Primeiro, eu tive uma gestação muito boa do ponto de vista da saúde. E foi assim um momento muito tranqüilo para mim. Eu sou filha de uma família muito grande, já tinha gerido criança, então não tive dificuldades para isso. Afora, evidente, “o que vai acontecer, né?”. Naquela época, eu não tinha perspectiva de que três anos depois estaríamos soltos. Mas foi muito tranqüilo, foi legal. Eu estava muito bem na época. O duro foi depois. Quando a Leta nasceu que eu tive que entregar. Aí foi muito difícil. Uma separação com o filho... Todo mundo curtiu aquele neném. Fora alguns companheiros que escreveram cartas assim: “Você é uma louca! Ter filho numa circunstância dessas! A repressão vai isso e aquilo!” O Aton Fon Filho, que hoje é advogado do MST e era da ALN, ficou furioso comigo: “Você é uma louca, irresponsável!” E o Teodomiro Romeiro, que hoje é juiz, escreveu uma carta pra mim achando aquilo maravilhoso. Foi um momento muito bom para mim. Até porque eu não tive problema de saúde. Foi uma gestação muito tranqüila. Eu tive muito apoio. Depois é que foi difícil porque você sair da prisão com uma filha criança na minha circunstância familiar foi muito complicado. Eu não tinha família rica, não tinha estrutura familiar, minha família toda chegando do exílio. Todo mundo às vezes mais desestruturado que eu. Foi um momento difícil, mas, com relação à gestação, não. Foi muito tranqüilo.

Você tinha medo do que a repressão faria com o bebê ou se você ficaria com ela sem problemas?

Não. Talvez em alguns momentos, porque naquela época havia uma briga dentro núcleo do poder muito forte. Eles tomaram o hospital e fizeram umas coisas ruins comigo lá. Mas eram coisas de grupos, meio tipo paramilitar, aqueles grupos terroristas que queriam impedir a abertura. No entanto, o diretor do presídio foi uma pessoa muito legal e ele entrou no nosso jogo.

O parto foi assistido por algum militar, alguém da repressão?

Meu parto foi muito engraçado. Eu fui para o hospital penitenciário quando eu tinha oito meses de gravidez. Eu fiquei lá no hospital da Frei Caneca. E uma noite, eu senti que alguma coisa mudou. Chamei o guarda e disse: “Eu acho que aconteceu alguma coisa aqui.” E ele me respondeu: “Não, não é nada não.”. No dia seguinte, era dia de visita. Eu não cheguei lá porque não conseguia andar. Eu estava em trabalho de parto desde o dia anterior. E minha sogra chegou e eu contei para ela que logo me avisou: “Você está em trabalho de parto.” Aí foram buscar o camburão para me levar. Tem umas histórias engraçadas, trágicas, mas engraçadas. Me colocaram no camburão e me levaram para o hospital. Pertinho! Quando eu cheguei lá, estava o Luís Carlos, que é um amigo nosso, e uma série de companheiros. Bem, o policial

Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008 **37**





naquela época usava muita capanga, aquela bolsa, e o Luís Carlos estava igual aos policiais, com a capanga. Os PMs que me levaram imediatamente me entregaram para ele, e o Luís Carlos assumiu a situação. E os PMs se dirigiam ao Luís Carlos. Na hora de subir para a sala de parto, o Luís Carlos subiu junto com o PM. Eu na maca, o sargento e o Luís Carlos. E o sargento apostando com ele se era homem ou mulher. Coisa de Brasil! Mas isso depois mudou. Nessa noite, expulsaram a PM e entrou o Exército lá. Aí teve essas cenas assim... Eu tive esse problema de ovário policístico, coisa de hormônio e tal, e eu fazia tratamento no Moncorvo Filho. Quer dizer, eu tinha um tumor na supra-renal e tinha sempre uma escolta que me levava. E o chefe da escolta era meio gordo, e ele achava que endocrinologista era para cuidar de gordo. Isso em pleno governo Médici! Esse sargento era muito falante, me botou lá na caçamba do camburão e fomos para o Moncorvo Filho. Quando chegamos no hospital, o diretor veio nos ver, e ele era gordo. Na volta, o sargento dizia: "Olha, isso aí não é sério não! Um médico que cuida de gordo que é gordo..." Toda vez que eu ia para o hospital era o mesmo sargento, e ele sempre incomodadíssimo porque o cara era gordo. Isso é uma coisa de Brasil!

Agora, o seu parto não foi assistido por agentes da repressão?

Não. Só por médicos! E só depois que eles descobriram que o Luís Carlos não era policial. Quer dizer que se tivesse que fugir podia ter fugido.

O Colombo chegou a ir ao hospital?

Eu fiquei 24 horas no hospital, e o Colombo só conheceu a Leta quando ela tinha 15 dias de nascida.

Por quanto tempo você ficou com a sua filha?

Ela ficou até seis meses comigo e depois eu a deixei com a minha sogra. Quando eu saí da prisão, ela estava com três anos. Naquela época, tinha creche no presídio, ela podia ter ficado, mas eu não quis que ela ficasse. Não tinha sentido. Hoje sabe o que é pior? O juiz pega essas crianças, elas não ficam com as mães! Naquela época, tinha uma creche muito interessante. Havia um projeto da ditadura chamado "Casulo" da LBA. O interessante desse projeto é que ele era dirigido por uma mulher, Kiki ela se chamava. Ela era mulher de um desembargador que tinha sido cassado pela ditadura. Eu não sabia, depois é que nós ficamos sabendo. Uma muito dedicada, uma madame. Mas que fazia aquilo um brinco. Cuidava da creche. Então, as mãezinhas, como nos chamávamos, podiam acompanhar o filho acho que até seis anos. Tem um lado muito ruim, mas tem um lado que não é tão ruim assim. Acho que agora elas não ficam mais lá, as crianças ficam só até seis meses. Cortaram. Eu não sei se isso é bom! Mas mudou muito, o sistema penitenciário mudou muito.

38 Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008





João Bôsco Hora Góis e Samantha Viz Quadrat

GENERO

Não tem mais lugar para as Kikis. Só acontece no Brasil! O marido foi cassado, e ela estava trabalhando num presídio.

Como eram as visitas da Leta para vocês?

Ela ia de 15 em 15 dias lá no presídio me visitar e ia visitar de 15 em 15 dias o pai. Mas da Leta era minha sogra quem cuidava. Era muito engraçado. Na hora da visita, ela se mandava. Corria pro colo da avó. Um dia deixaram ela lá com a gente e ela fugiu, saiu engatinhando, pequenininha, foi embora. Não queria ficar de jeito nenhum. Quando ela via o movimento de que ia terminar a visita, ela corria para o colo da avó. Depois a adaptação dela conosco foi muito difícil porque nós fomos soltos e o meu sogro continuou preso. Foi muito interessante porque nós fomos morar em Volta Redonda. Eu sentia naquele momento que tínhamos que morar longe da minha sogra e da minha cunhada para poder recuperar aquela relação. Senão, eu não recuperaria. Ela chamava meu cunhado de pai. Aquelas coisas todas. Foi muito traumático pra ela e para a avó. Mas não tinha outra forma. Mas aí ela regrediu muito. Não queria ir pra escola... Nós saímos em fevereiro de 1979. Nesse período de fevereiro a junho, julho, a Leta chorava muito. A minha sogra também. Uma situação horrorosa. Mas o que é *insight* de criança, interessante esse negócio. Nós fomos visitar o meu sogro na Frei Caneca. Toda vez que vínhamos ao Rio era uma coisa horrorosa. Você sabe que nós entramos no presídio, estava eu, a avó, o avô, o Colombo, todo mundo. E eu falei para o Colombo: "Vai começar agora." Na hora que nós chegamos na porta do presídio, ela disse "Vó, tchau!" Ela compreendeu... alguma coisa aconteceu... Porque no dia seguinte ela jogou a chupeta fora. Mas foi muito difícil para ela e para a avó. Minha sogra ficou muito traumatizada porque ela cuidava dela e nós tiramos, na verdade, a Leta dela. Você tira de perto. Mas eu achava que isso era necessário, porque, se não fizéssemos isso, nós não poderíamos imprimir uma outra orientação. Não recuperaríamos.

A Leta se lembra do presídio, das visitas?

Não, não lembra. Isso é muito complicado pra criança, porque deixa marcas. Ainda mais nesse período de um até três anos. Aliás, alguns filhos dos nossos companheiros têm problemas. Isso é uma situação muito louca. Eu nunca fiz proselitismo político com a minha filha. Eu nunca interfeiri. É uma coisa que eu não quero repetir. Na minha geração, isso fazia sentido, mas a minha filha nasceu em outro tempo. Ela não tem por que ser herdeira de uma história. É óbvio que ela não tem como se desvencilhar disso, mas ela não tem responsabilidade sobre isso. Conheço muita gente que passa isso. Eu acho que a gente não deve passar para os nossos filhos essa coisa. Eles não são responsáveis por isso. O mundo que eles vivem é diferente do mundo que nós vivemos. É claro que quem trabalha com isso do ponto de vista acadêmico tem que ter compreensão que as pessoas que viveram isso são pessoas que ali estão. Não são pessoas que viveram no século XIX ou no século XVIII. São lugares muito diferentes

Niterói, v. 8, n. 2, p. 23-41, 1. sem. 2008 **39**





de fala. Acho que tem um olhar meio assim: “Ah! Coitadinhos! Eles não sabem de nada!” A história não foi assim como eles dizem, a história foi como eu estou contando. Não dá para ser por aí. Senão a história fica como uma coisa, primeiro, muito inocente. É muito complicado isso. Eu me afasto um pouco disso. Porque o meu lugar é diferente. Eu tenho compromisso com isso. É óbvio que a minha fala está comprometida. Não está comprometida com qualquer coisa. Está comprometida com a vida das pessoas. Há um problema geracional colocado nisso. Por exemplo, essa questão de 68 é algo absolutamente geracional. Agora essa história está muito longe de acabar. Porque essa história é feita de memória, ela perpassa e constitui um problema durante muito tempo, ainda mais num país como o nosso que não consegue encarar as coisas.

Em 2007, acompanhamos as notícias sobre a sessão da Comissão da Secretaria de Direitos Humanos que avaliou o caso da sua família, inclusive com a exibição do filme que fizeram com você e Leta na prisão. Como foi esse caminho?

Na verdade, o negócio lá de Brasília me chateou muito porque eu sempre choro nessas coisas e eu tenho uma maneira muito peculiar de lidar com isso. A Comissão agora está melhor porque a lei é muito equivocada ao iniciar os casos apenas em 1945. Deveria pegar desde o início do século XX. Bom, mas a Comissão tem as tais das câmaras onde em cada equipe há uma disputa por memórias. Disputa política e ideológica. Há gente das Forças Armadas, representantes dos nossos... Nós temos 14 processos em atenção à minha família e, depois de cinco anos com os processos, conseguimos, há um ano e meio atrás, reuni-los em um processo só. Em um processo familiar. Porque ele só tem sentido visto por essa perspectiva. Então, nós conseguimos isso que foi uma coisa legal. No mesmo processo tem o meu, o da minha sogra, o de Colombo, o do meu primo e o do irmão do meu cunhado. O que achei interessante é que toda a lógica do nosso processo é montada em cima do meu pai e da minha mãe. Aí como que é o negócio midiático, pois, quando eles apresentam, eles apresentam montado em cima do meu processo. Aí é que eu acho que essa coisa do gênero pega. É uma coisa muito emocional. Você revive coisas, detalhes que já tinha até esquecido e familiarmente nós estávamos todos ali. Sabe qual é a grande vantagem dessa investigação? O grande subproduto disso é a documentação que está sendo gerada. Que é a primeira na história da política brasileira. É uma documentação produzida pelo Estado, lida e organizada pelas pessoas e com o memorial das pessoas. Aí faz todo o sentido. Porque quando daqui a sei lá quantos anos, décadas, quem for estudar a história política do Brasil vai ter uma documentação extraordinária. Para trabalhar isso. O que foi o Brasil? E não é o Brasil da minha geração. Não é a história da minha geração. Daí eu tenho muita contradição com esse povo todo que escreve sobre isso. Porque a história, na verdade, é dos comunistas e de todo mundo que pensou numa sociedade diferente. Claro que não só os comunistas. Se você pega de





João Bôsco Hora Góis e Samantha Viz Quadrat

GÊNERO

1945 para cá, você vai ter todo um mundo que se contrapôs ao Estado durante esse tempo. Não é geracional. Passa por várias gerações. Talvez a minha geração tenha sido a última geração que se colocou nesse campo. E eu acho quando se pensa isso de forma geracional, empobrece. Me incomoda muito essa história de 68. Eu fico muito enjoada com esse negócio porque isso não faz jus ao que foi esse processo de construção da sociedade brasileira. A ditadura brasileira não começou em 1968. Talvez para os filhos da Zona Sul do Rio de Janeiro tenha começado.

Mas os livros só reforçam essa visão.

Eu gosto muito do livro do Flávio Tavares. Eu acho aquele livro uma preciosidade, um depoimento humano e de alguém que tem noção de processo. O Flávio Tavares traz isso no livro, uma história do Brasil muito diferente do que as pessoas imaginam. Tem um outro livro de um rapaz lá do Paraná, o Aluizio Palmar, que traz experiências de resistência fora do eixo Rio–São Paulo. Porque as pessoas acham que só resistiu à ditadura os estudantes, os moradores de Rio e São Paulo e os filhos da classe média. Isso é outra visão que eu acho que documentação da Comissão vai mudar completamente. Quando eu estava dirigindo o Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, eu me deparei com tanta gente pobre que foi atingida pela ditadura e de uma forma muito dramática. Às vezes, uma prisão para um cara desses hoje em dia é muito pior do que uma prisão de nove anos para mim. O que significa para uma família de trabalhadores o pai ficar uma semana no DOI-Codi? Acaba com essa família. No entanto, isso não é levado em consideração. É um pouco essa historiografia ou essa memória, digamos, oficializada da ditadura, que desconhece isso. E aí fala um monte de bobagem. O Brasil inteiro tem gente assim.



